

Amorismo: Análise de perfis docentes e práticas pedagógicas envolvendo afeto, por docentes de diferentes níveis de ensino.

Lovingness: An Analysis of faculty profiles and teaching practices involving affection by teachers of different levels of education.

Cecilia Decarli* Cristiano da Cruz Fraga**

Informações do artigo

Recebido em: 14/08/2018

Aprovado em: 06/05/2019

Palavras-chave:

Amorismo. Professores Amoristas.
Afetividade. Docentes. Ensino.

Keywords:

Lovingness. Affectionate teachers.
Affectivity. Faculty. Education.

Autores

*Doutoranda no PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde- UFRGS, Mestra em Biologia- Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
cecilia_decarli@hotmail.com.

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrando em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde- UFRGS, Especialista em História Africana e Afro-brasileira- Faculdade Porto Alegrense (FAPA).
dacruzfraga@yahoo.com.br.

Como citar este artigo:

DECARLI, Cecilia; FRAGA, Cristiano da Cruz. Amorismo: análise de perfis docentes e práticas pedagógicas envolvendo afeto, por docentes de diferentes níveis de ensino.

Competência, Porto Alegre, v. 12, n. 1, jul. 2019.

Resumo

Ensinar por meio do amorismo consiste em estabelecer em ordem primária, práticas docentes e não sobreposta, garantindo um ensino prazeroso e um ambiente escolar harmonioso, tendo o aluno como protagonista no processo. O estudo visou analisar perfis docentes por meio de entrevistas com perguntas relacionadas a educação afetiva, a fim de compreender como os docentes de diferentes níveis de ensino se enquadram dentro do perfil de professor amorista (Afetuoso e reflexivo), por meio de reflexões pessoais sobre a própria prática docente. Foram entrevistados 140 docentes de variadas instituições de ensino, por meio de questões objetivas e relato de experiência afetiva com algum aluno, que nos mostraram que a maioria dos docentes insere-se dentro da educação afetiva de alguma forma, os diversos relatos mostraram resultados significativos em interações afetivas entre professores e alunos, sendo que os relatos com mais vínculos afetivos dá-se na infância, mostrando a importância da formação docente relacionada a afetividade em todos os níveis de ensino.

Abstract

Teaching through lovingness consists of establishing, as a primary objective, teaching practices, through affective relationships with students, building respect in a collective and not superimposed way, thus, allowing for a pleasant teaching in an enjoyable and pleasant school environment, being the learner the protagonist of the process. This study aims at analysing faculty profiles through interviews whose questions are related to affective education in order to understand how teachers of different levels of education can be qualified as lovingness teachers (Affective and reflective), through personal reflections on the teaching practice. The analysis comprehends interviews with 140 teachers of various teaching institutions, through objective questions and harmonious experience stories with some students, which show that, to some extent, most of the faculty members fit into an affective educational category. The various reports point out meaningful findings related to teacher-student affectionate interactions. The stories that show most affective bonds occur in the childhood, thus, it indicates the importance of teaching development related to affection in all levels of education.

1 INTRODUÇÃO

Uma análise simples sobre o sistema educacional atual deixa claro e evidente uma série de problemas, que vão desde escolas com espaços precários, má remuneração de professores e didáticas ultrapassadas, que mais repelem do que acolhem, que deixa claro a urgência de repensarmos nossa postura pedagógica e sua real eficiência.

A concepção didática de ensinar por meio do amorismo leva em conta estabelecer a prática docente por meio de vínculos afetivos com os alunos, sendo isto um requisito primordial para o bom andamento das aulas e garantia de um ensino mais prazeroso e efetivo aos educandos, pois aprender com afetividade gera confiança e respeito na relação aluno/educador (FRAGA; DECARLI, 2018).

O amorismo é constituído por um conjunto de práticas afetivas dentro do processo de ensino aprendizagem, mediadas pelos vínculos entre professores e alunos ou entre outros atores presentes na escola e alunos, denominando assim, todos funcionários de uma instituição de ensino como educadores, levando em consideração o meio em que está inserido o contexto escolar e suas particularidades, sendo norteado pelas correntes teóricas de educadores que abordam a afetividade na educação, tais como Freire, Wallon, Piaget, Vygotsky e outros autores contemporâneos das áreas da educação e psicologia que abordam a temática.

A afetividade é uma mistura de todos os sentimentos como: amor, motivação, ciúme, raiva e outros, e aprender a lidar adequadamente com essas emoções é o que proporciona ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada, partindo da ideia que todo processo de educação significa também a constituição do sujeito. O aluno se constitui como ser humano em qualquer espaço, através de suas experiências com o outro, em determinado local e momento (SARNOSKI, 2014).

Sabino (2012) foca a afetividade nas possibilidades de troca em uma relação humanizadora:

“ Afetividade, respeito e ética são dimensões relevantes para a humanidade. As relações entre os seres humanos não devem dicotomizar conflitos e divergências com cooperação e solidariedade. Antes de tudo, que essas forças, aparentemente opostas, possam se confluir num processo dialético, com possibilidades de troca e crescimento humanizadores, em vez de um processo discriminatório e hierarquizado por relações de poder entre pessoas e nações (SABINO, 2012, p. 79).

Pensando na afetividade como uma estratégia de harmoniosidade nas relações entre professor/aluno e outros educadores de convívio escolar e a tendo como aliada a

aprendizagem, vemos que autores renomados já a conceituam e a definem como importante no processo de ensino.

Piaget (1994) via a afetividade ligada intimamente a aprendizagem:

“ É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente (PIAGET, 1994, p. 129).

Dér (2004) conceitua a perspectiva Walloniana:

“ A afetividade é um conceito amplo que, além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção, apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão. [...] A afetividade é um conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que o rodeia (DÉR, 2004, p. 61).

Romero (2003, p. 17) define a afetividade como “uma dimensão da existência que abrange todas as formas que possam afetar subjetivamente o ser humano em sua relação com o mundo.”

Muitos estudos como: Dias (2003), Espinosa (2002), Morales (2001), Chaves e Barbosa (1998), Felden (2008) e Ribeiro (2008), demonstraram que os alunos têm maior interesse pelas disciplinas quando os professores mantêm uma relação amistosa com eles, dando-lhes elogios, conselhos, trocando ideias sobre seus deveres e questionando sobre suas vidas, com atos de afeição ou, quando, ao menos, não se mostram agressivos.

Freire (1981, p. 29) diz que a afetividade fertiliza o processo dialógico e “desmancha” a relação de dominação dos saberes, para ele “não há educação sem amor” e “não há educação do medo”. Este pensamento freiriano aborda uma reflexão da prática docente, baseada no processo educativo acontecendo concomitante a práticas de trocas afetivas entre os envolvidos.

Freire (1996) tira o educando do seu lugar de silêncio, e o adulto do centro do processo, incluindo a afetividade na educação com um amplo campo de ações na educação:

“ É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática político-progressista, que não se faz apenas

com ciência e técnica (FREIRE, 1996, p. 120).

Para Ribeiro (2010) os alunos apreciam as disciplinas lecionadas por professores com os quais mantem um bom relacionamento, pois a conduta destes profissionais influenciam os alunos quanto a participação, motivação e dedicação nos estudos, motivar o aluno, não é questão de técnica, mas sim essa relação que se estabelece com o sujeito.

A nona competência da base curricular comum nacional traz a palavra empatia como fundamental para o ensino, que nos traz resquícios da afetividade, pois cita o respeito, cooperação, resolução de conflitos e diálogo:

“Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 8).

Apesar da importância da afetividade no ensino, a dimensão afetiva tem sido negligenciada na prática da sala de aula (CIANFA, 1996; VASCONCELOS, 2004) e mais ainda no quesito formação dos professores que vão atuar na escola básica (ARROYO, 2000), portanto levar docentes a reflexão dos seus vínculos afetivos é necessário e urgente.

O estudo tem por objetivos comparar entre diferentes níveis de ensino o afeto na relação professor/aluno, analisar relatos de docentes, evidenciando a presença de carinho e afeto nas relações escolares, por meio de práticas amoristas e verificar o perfil dos educadores, de acordo com sua auto reflexão da própria prática pedagógica.

2 METODOLOGIA

A pesquisa na qual se fundamenta este artigo teve como metodologia utilizada a aplicação de um questionário com amostra aleatória estratificada proporcional, de caráter descritivo, usando o método qualitativo e quantitativo.

Fonseca (2002) difere a pesquisa qualitativa da quantitativa, explicando que na quantitativa os dados são quantificados, como as amostras geralmente são grandes e representativas, os resultados se tornam um retrato real do todo, e é centrada na objetividade, considera como base os dados brutos e recorre a matemática para descrever um fenômeno e suas variáveis. Para o autor recorrer a pesquisa qualitativa e quantitativa juntas, é interessante, já que fornecem mais informações que as usando isoladamente.

A entrevista foi realizada com professores de diferentes níveis de ensino: Educação infantil, séries iniciais e finais do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, por meio de formulários eletrônicos, que foram distribuídos via e-mail para profissionais de diferentes áreas e localidades do estado do Rio Grande do Sul, foram enviados para cerca de 200 docentes, obtivemos o retorno de 140 docentes, oriundos de instituições públicas e privadas.

O questionário foi composto por 5 questões objetivas e 1 questão discursiva sobre relatos de experiência do docente sobre práticas que envolveram afeto com os discentes, toda entrevista se baseou no perfil em que o próprio docente se vê e enquadra sob sua prática pedagógica (Quadro 1).

As respostas e relatos foram analisadas sob o ponto de vista da afetividade no ensino, pelo viés empirista (leva em consideração as experiências de caráter prático e de experiências dos entrevistados) a fim de verificar a presença ou não de professores de perfis amoristas nas instituições de ensino, descrevemos como perfis amoristas, aqueles professores que descrevem-se como afetuosos e reflexivos, que permitem o estabelecimento de vínculos pessoais com os discentes e permitem que o aluno seja protagonista no processo de ensino aprendizagem.

Quadro 1: Questionário aplicado com docentes de diferentes níveis de ensino.

Questionário perfis de professores
Leciona há quantos anos:
<input type="checkbox"/> menos de 1 a 2 anos
<input type="checkbox"/> 3 a 5 anos
<input type="checkbox"/> 6 a 10 anos
<input type="checkbox"/> 10 a 20 anos
<input type="checkbox"/> mais de 20 anos
Nível de ensino em que leciona:
<input type="checkbox"/> Ed Infantil
<input type="checkbox"/> Séries iniciais do ens. Fundamental
<input type="checkbox"/> Séries finais do ens. Fundamental
<input type="checkbox"/> Ensino médio
<input type="checkbox"/> Ensino superior
Área de atuação: _____
1- Você se considera um professor com perfil:
<input type="checkbox"/> Autoritário (segue regras impostas pela instituição, de maneira fiel, sem flexibilidade com os alunos).

- Afetuoso e reflexivo (Demonstra carinho e amizade nas relações entre professor/aluno e aconselha sempre que necessário em questões pessoais).
 - Indiferente (Age de acordo com cada situação, sem estipular um perfil padrão).
- 2- Como professor você sente-se na obrigação de:
- Apenas ensinar os conteúdos da sua área;
 - Além da aprendizagem, também dar conselhos e ensinamentos de vida.
- 3- Enquanto professor você desenvolve:
- Suas aulas (com conteúdos previstos no plano de estudos da série);
 - Aulas voltadas a cidadania, onde o aluno torna-se crítico diante de questões polêmicas e sociais;
 - Aulas onde o aluno é o protagonista e pode opinar, refletir, e até mesmo sugerir o que deve ser tratado em aula.
- 4- Como você trata seus alunos:
- Apenas com a relação formal professor/aluno;
 - Amigo parcial- Ouve suas histórias de vida e dá conselhos dentro da instituição escolar;
 - Amigo total- Ouve o aluno e também compartilha suas histórias e momentos de vida, inclusive mantendo relações fora do ambiente escolar.
- 5- Você enxerga a escola como:
- Um espaço para aprendizagem formal;
 - Um espaço para aprendizagem, com trocas afetivas.
- 6- Conte uma história envolvendo um aluno, que aconteceu na sua trajetória como docente envolvendo carinho e aprendizagem significativa que tenha te marcado enquanto profissional da educação.

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre os professores entrevistados 13,6% lecionam há menos de um ano até 2 anos, 22,1% de 3 a 5 anos, 17,1% de 6 a 10 anos, 25% de 10 a 20 anos e 22,1% mais de 20 anos.

Referente aos níveis de ensino em que lecionam, 3,6% estão atuando na Educação infantil, 12,1% estão nas séries iniciais do ensino fundamental, 26,4% estão nas séries finais do ensino fundamental, 35% no ensino médio e 22,9% no ensino superior. Os profissionais atuam em diversas áreas de conhecimento diferentes.

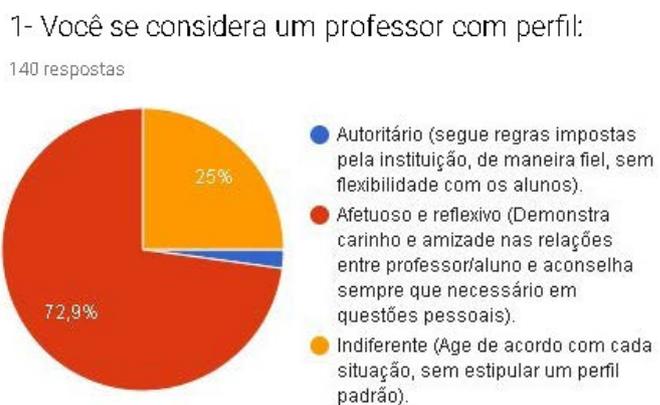
Ao serem questionados sobre a definição do seu perfil de professor em relação a práticas envolvendo afetividade, apenas 2,1% dos entrevistados se assumiu como autoritário, aquele que segue todas as normas impostas pela instituição e tem um vínculo

estritamente profissional com os alunos, sem estabelecer outros vínculos, 72,9% se diz com perfil afetuoso e reflexivo, assumindo se envolver em questões pessoais da vida dos alunos e criando vínculos afetivos, ainda, 25% se diz com perfil indiferente, que age conforme a situação, as vezes sendo autoritário e as vezes afetuoso (Figura 1).

Poucos professores se dizem extremamente autoritários, mas ¼ dos entrevistados que se encaixou no perfil “meio termo” assume-se como autoritário em determinadas situações. Andrade (1990) relata o quanto a relação professor aluno pode ser perversa, quando muito autoritária, e muitas vezes o docente nem se dá conta disso, ele cita como exemplo, um professor, que para manter a classe em controle, permite que um aluno, que é seu aliado, agrida os colegas, humilhando e ridicularizando os que chegam atrasados.

Professores amoristas, que decidem fazer do afeto uma estratégia pedagógica nas suas aulas, devem sempre lembrar disto e agir com afetuosidade, tentando compreender a situação de vida de cada um, suas angustias e mazelas, a fim de promover um ambiente harmônico com seus discentes.

Figura 1: Gráfico mostrando o perfil selecionado pelo professor.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

A maioria dos docentes entrevistados, 92,1% reflete sobre sua prática em torno da ideia que a escola é um local que vai além de ensinar conteúdos programáticos, que enquanto professores se veem na obrigação de dar conselhos e ensinamentos de vida aos discentes (Figura 2).

Para Ribeiro (2010) nos tempos em que vivemos o papel do professor vai muito além de apenas repassar informações:

“ Na atualidade, o papel do professor tornou-se muito mais amplo e complexo, pois ele deixou de ser apenas o repassador de informações e conhecimentos e já se reconhece como um parceiro do estudante na construção dos conhecimentos, parceria que implica novos saberes e atitudes que possibilitem aos estudantes integrar no processo de aprendizagem das disciplinas, os aspectos cognitivo e afetivo e a formação de atitudes. Entretanto, tudo indica que a grande maioria dos professores carece da formação afetiva (RIBEIRO, 2010, p. 405).

A entrevista refletiu de fato como o docente coloca-se diante da sua prática pedagógica, as duas primeiras questões nos mostraram que a maioria sente a necessidade de dar algo a mais nas suas aulas, que apenas um mero repasse de conteúdos programáticos, mas percebemos que na prática muitas vezes isso não se concretiza, e um dos motivos vem a ser a falta de formação pedagógica voltada a formação do educador afetivo.

Figura 2: Gráfico mostrando o que os professores consideram importante nas suas aulas.

2- Como professor você sente-se na obrigação de:

140 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Em relação a ligação entre aprendizagem e afetividade, 25% dos docentes responderam que apenas desenvolvem aulas padrões com conteúdos previstos para a série, 39% inserem o exercício de cidadania, abordando questões polêmicas e sociais e 35,7% ministram aulas onde o aluno pode opinar, refletir e até mesmo sugerir o que pode ser passado em aula (Figura 3).

Analisando esta questão percebemos que não são todos os docentes que permitem o exercício de reflexão e análise crítica dos conhecimentos trazidos pelos discentes, que os torna como sujeitos ativos da própria busca pela aprendizagem. Permitir que um discente interaja a seu modo em uma aula é um gesto de afeição, que cria laços afetivos entre os sujeitos envolvidos no processo.

Levando em consideração a situação atual da educação no país, quanto a estrutura, problemas sociais, integração das diferentes

culturas no ambiente escolar e os problemas gerais, sabemos da dificuldade que é trabalhar em meio a todo este contexto e que muitas vezes é um tanto complicado querer bem a todos no seu sentido mais puro, Freire (1996) já nos propunha esta visão do querer bem os educandos, dentro das limitações do próprio docente:

“ E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o que de preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano (FREIRE, 1996, p. 159).

Freire (1996) enfatiza muito bem características que identificam um professor com ligações afetivas com seus alunos, e sua influência sobre as aulas que ministra:

“ O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem, cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996 p. 96).

Dar voz e vez a todos os alunos é uma característica indispensável ao professor amorista, muitas vezes o aluno pode mudar sua visão do professor, da aula e da escola com atitudes humanistas, que o levam a perceber quem se importa com ele e sua aprendizagem.

Figura 3: Gráfico mostrando como os professores desenvolvem suas aulas, relacionado a aprendizagem e afetividade.

3- Enquanto professor você desenvolve:

140 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Ao serem questionados sobre relações de amizade com os

alunos, a maioria se diz amigo parcial dos alunos (72,9%), que significa que estabelecem vínculos de afeto dentro do ambiente escolar, por meio de conversas e ensinamentos mais informais, 17,1% se diz amigo total de seus alunos, seriam aqueles professores que tratam seus alunos de igual para igual, com vínculos mesmo fora da instituição escolar, que pode ser participação em aniversários, amizades em rede social, visitas, entre outros, e 10% apenas se intitulam como professores que mantem uma relação comum entre docente/discente em sala de aula (Figura 4).

Fraga e Decarli (2018) fazem uma análise da afetividade do ponto de vista discente e chegam à conclusão que os alunos aprovam essa abordagem de ensino e por meio de relatos percebe-se a influência e positividade que professores exerceram nas suas vidas, ao usarem práticas pedagógicas envolvendo afetividade no ensino, e com atos carinhosos dentro e fora da escola, sendo comprovado que o exercício de práticas amoristas é um meio de atingir uma aprendizagem significativa no ensino básico. Através destes dados julgamos que estender isso a todos níveis de ensino é essencial.

Figura 4: Gráfico mostrando como os professores veem sua relação de amizade com os alunos.

4- Como você trata seus alunos:

140 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Dos entrevistados, 16,4% enxergam a escola como um espaço para aprendizagem formal e 83,6% relaciona está aprendizagem a afetividade, por meio de trocas afetivas (Figura 5).

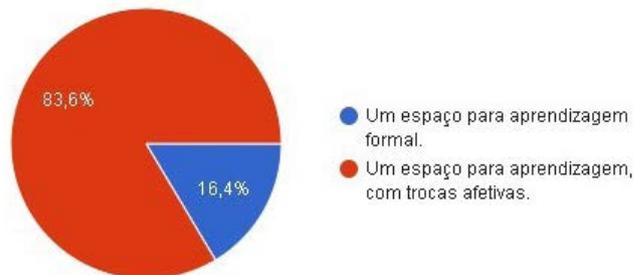
No estudo de Souza (1997) percebe-se a importância da afetividade em sala de aula, ele intervém em uma turma que é considerada de alunos mal-educados, indisciplinados e rebeldes, através de uma técnica de desenho, para descobrir o propósito dos sentimentos demonstrados pelos alunos, eles mostraram situações constantes de insatisfação mútua, agressão, punição

e indisposição física. Que comprova a influência positiva do uso de afetividade em sala de aula.

Figura 5: Gráfico mostrando a visão do professor referente a escola e suas funções.

5- Você enxerga a escola como:

140 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Selecionamos alguns relatos dos docentes por níveis de ensino, aqueles que melhor representaram práticas de professores amoristas:

Professor(a) 1 (Educação Infantil) - *Uma aluna de 5 anos com problemas de indisciplina, fugia da sala, batia nos colegas, subia na mesa e derrubava as cadeiras, se negava a participar das atividades. Em todas essas situações eu sempre me mantive calma, tentava conversar, mostrava os limites sobre a convivência na escola e quando ela se acalmava, eu a abraçava, colocava ela no meu colo e escutava o que ela sentia no momento. Foi muito difícil, mas ela melhorou bastante seu comportamento na sala e hoje é a aluna mais carinhosa comigo. O que ela precisava era de atenção e carinho.*

Professor(a) 2 (Séries iniciais) - *Um aluno chegou muito agressivo, não queria entrar na sala, quando entrou começou a mexer com os colegas, xingou, quis brigar, enfim tumultuou toda a aula. Chamei-o para fora abracei-o e disse: eu sei como está se sentindo, é muito ruim sentir isso, vamos conversar em outro espaço. O menino me olhou e chorou muito. Então descobri que o pai havia sido preso pela manhã, na frente dos filhos. O acolhimento é fundamental ao processo educativo.*

Professor(a)3 (séries finais) - *Uma frase dita por um aluno na última semana me marcou: "O mundo precisa de mais pessoas como você. Escola é lugar para criar laços, é espaço pra quem gosta do ser humano." Os alunos me respeitam porque têm receio em me magoar, há vínculo, há relação. Não autoritarismo.*

Professor(a)4 (séries finais) - *Quando iniciei na rede estadual tive um aluno, em um 8º ano de uma escola de periferia, o rapaz era muito revoltado com a escola e com a família, para piorar a situação - a região onde ele morava estava no centro da Guerra do tráfico. O resultado de tanta revolta foram notas baixíssimas e reprovação. No ano seguinte, em um trabalho conjunto com uma outra professora, realizamos uma abordagem mais afetiva com ele - dando*

conselhos e conversando sobre situações da vida - o resultado foi que após essa abordagem acabou a revolta e o rendimento escolar ficou excelente. Atualmente ele faz ensino médio em outra escola e tem um estágio - sempre que vejo ele na rua pergunto como está e cobro que continue na linha, tenho orgulho dele!

Professor(a) 5 (Ensino médio) - *Um acontecimento que foi marcante para mim até o momento foi o reconhecimento de um aluno do ensino médio. Esse aluno era super quieto e era intitulado pelos os outros professores como "louco". Todo o final de aula ele vinha conversar comigo sobre os mais diversos assuntos relacionados a Biologia. Terminado o ensino médio ele prestou o vestibular para a UFRGS e passou. Esse aluno me mandou uma mensagem me agradecendo pela minha dedicação nas aulas de Biologia e por estimula-los a ingressar na pesquisa. Ele disse que se inspirou nas minhas aulas para ingressar no curso de Biomedicina e sentia -se muito grato por isso.*

Professor(a) 6 (Ensino superior) - *Tive uma aluna mais velha do 10º período que demonstrou enorme carinho e gratidão por todo aprendizado sobre Arquitetura. Foi o nosso único contato durante todo o curso. A devolutiva da turma foi tão especial que até me escolheram dentre os professores homenageados do curso, durante a formatura.*

Os relatos expostos pelos professores 1 e 2, referentes a experiências afetivas com crianças trazem situações de agressividade em sala de aula, que foram controladas com acolhimento e condução afetiva, mostrando que o olhar sensível para alunos agressivos pode estabelecer vínculos pessoais significativos e que tornam a convivência harmoniosa.

O relato do professor 3, referente a formação de vínculo com adolescentes, demonstra que o aluno percebe professores que fazem uso da afetividade em sala de aula e demonstram apreço por esta abordagem.

O relato do professor 4 nos traz uma experiência bastante prática da aplicabilidade do uso dos afetos no ensino, colocando o professor no papel de um agente de mudança social para o aluno, mostrando que a criação de vínculos pessoais pode estabelecer novos rumos para um adolescente que vive em cenários de mazela e violência social.

O relato do professor 5 traz uma experiência no ensino médio, que equivale ao final da trajetória escolar no ensino básico, evidenciando a importância que vínculos afetivos tem neste período importante para o jovem, que é quando o mesmo está em processo de decisões pessoais e profissionais, novamente demonstrando que o olhar diferenciado aos alunos dentro de suas limitações é importante no processo de busca pelo conhecimento.

O relato do professor 6 demonstrou que o adulto que cursa o ensino superior também estimula-se mais na busca do

conhecimento quando está inserido num contexto educacional afetivo, que nos remete a permanência do discente no curso escolhido quando o docente o vê como sujeito que pensa e sente ao mesmo tempo.

Todos relatos evidenciaram muito bem que somos influenciados pelos pensamentos, sentimentos, emoções, ações, crenças e valores do outro, e que no processo de construção do conhecimento isso tudo está associado ao cognitivo.

Chalita (2004) descreve a importância de educar para preparar o aluno para vida, que vai além da transferência de conhecimento, consiste de autonomia e felicidade, e deve estar ligada ao afeto e ao amor, os relatos dos professores amiristas mostram nas mais variadas idades diferentes de discentes atendidos, em situações diversas e distintas umas das outras o quanto o carinho, o amor e a cumplicidade do professor com o aluno mudaram situações e estavam intimamente ligadas a aprendizagem dos sujeitos.

Por meio das entrevistas percebemos que as instituições de ensino tem docentes de diferentes perfis em atuação, todos agem da maneira que julgam correto para manter a disciplina e a aprendizagem no ambiente em que lecionam, felizmente a grande maioria se vê como professor com perfil afetivo ou realizando ações que demonstrem isto, o que já é interessante, todos buscam um mesmo objetivo, o da aprendizagem, quando isto pode ser feito de maneira mais leve e atingindo resultados significativos o trabalho torna-se mais gratificante e facilita a atuação docente, que foi demonstrado por meio dos relatos, que mostram alegria do docente em relação aos vínculos de afeto estabelecidos.

Sabino (2012) aborda o silenciamento do afeto nos currículos educacionais de magistério, pedagogia, outras licenciaturas e nos cursos de formação, e destaca a essência das nossas relações humanas, onde historicamente nossa sociedade aborda a afetividade verticalmente, em um sistema que ainda prevalece o mando e a submissão, existem muitas regras em que nossa sociedade deseja que o ser humano se encaixe, onde nem tudo deve ser dito ou mostrado, e na escola temos uma série de regras e exigências que silenciam o afeto, tirando a visibilidade necessária como aspecto relevante no processo escolar. Isso torna-se nítido nos relatos analisados, pois vemos que mesmo os professores mais bem intencionados em estabelecer afetividade com os educandos esbarram na questão do currículo formal e o silenciamento do afeto no ensino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo trouxemos argumentos que demonstram a importância de uma estratégia pedagógica envolvendo práticas de amorismo no cotidiano escolar, onde professores amoristas buscam melhora e qualidade na aprendizagem, por meio de pequenas interferências pessoais com seus alunos, buscando compreender melhor o que cada indivíduo necessita a nível de atenção e afeto, para que isso influencie significativamente na sua aprendizagem. Perceber a importância dos sentimentos que afetam nossos desejos, nossa necessidade de evoluir, querer aprender mais, parece algo fundamental para potencializar nossa intervenção no universo educacional.

Sabemos das limitações impostas no sistema escolar atual, mas esperar que o sistema mude, que tenhamos menos alunos para atender por turma, mais ajuda especializada em casos que se fazem necessário, mais participação das famílias é como esperar que uma utopia se torne realidade do dia para a noite, enquanto educadores precisamos acreditar no nosso trabalho e buscar estratégias para melhora-lo, inclusive para que o próprio docente sintam-se bem no ambiente escolhido para a vida profissional, estabelecer laços afetivos e humanizar o processo de ensino aprendizagem é sem dúvida algo que todo docente deveria estar disposto a experimentar. Estamos inseridos em práticas antigas que ainda permeiam todo o pensar educacional reproduzindo métodos que não dialogam mais com os anseios sociais da atualidade. A supervalorização do conhecimento deixando os afetos e sentimentos em terceiro plano reflete o panorama social individualista e competitivo que afetam de maneira negativa as relações éticas em praticamente todas instâncias sociais.

Ao nos depararmos com relatos mais afetuosos nos primeiros níveis de ensino da educação básica, que seriam, a educação infantil, as séries iniciais e finais do ensino fundamental, percebemos que os laços afetivos vão se perdendo um pouco quando o aluno entra para fase adulta, pois no ensino superior, por exemplo, vemos mais relatos voltados exclusivamente a aprendizagem, sem levar em consideração a afetividade de fato, muitos docentes que atuam no ensino médio e superior optaram por não relatar nenhuma situação na sua trajetória envolvendo afeto.

Existem muitas pesquisas referentes a negligência em relação a afetividade por professores de níveis mais avançados, pois estes tem emoções ligadas ao poder e os conteúdos são considerados mais importantes (BRODEUR, 1998; HARGREAVES, 2001), para Rios (2006, p. 131), “despojada do sentido romântico de que é revestida, às vezes, a afetividade traz cor e calor à prática educativa.”

Uma das causas disto vem a ser a falta de formação inicial e continuada dos docentes atuais voltada a afetividade, a graduação e os principalmente os cursos de pós graduação são muito voltados a conhecimentos técnicos, deixando uma grande lacuna na formação de um profissional humanista e afetivo, que irá trabalhar por muitos anos diretamente com pessoas, que trazem consigo uma vida inteira de bagagem e um desejo de aprender.

Referências

ANDRADE, A. S. Condições de vida, potencial cognitivo e escola: um estudo etnográfico sobre alunos repetentes da 1ª série do 1º grau. **Cadernos de Pesquisa**, v. 73, p. 26-37, 1990.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: jul. 2018.

BRODEUR, D. R. Thematic teaching: integrating cognitive outcomes in elementary classrooms. **Educational Technology**, v. 38, n. 6, p. 37-43, 1998.

CHALITA, G. **Educação, a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CHAVES, A. M.; BARBOSA, M. F. Representações sociais de crianças acerca da sua realidade escolar. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 29-40, 1998.

CIANFA, C. R. L. A importância das relações interpessoais na educação de adultos. 1996. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

DÉR, L. C. S. A constituição da pessoa: dimensão afetiva. In: MAHONEY, A. A; ALMEIDA, L. R. (org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.

DIAS, A. M. S. O desenvolvimento pessoal do educador através da biodança. 2003. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2003.

ESPINOSA, G. La relation maître-élève dans as dimension affective: un pivot pour une différenciation des pratiques pédagogiques enseignantes? In: LAFORTUNE, L.; MONGEAU, P. (dirs.). **L'affectivité dans l'apprentissage**. Québec: Presses de l'Université du Québec,

2002.

FELDEN, E. L. Universo escolar: o lugar da afetividade no processo de ensinar e aprender. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRAGA, C. C.; DECARLI, C. Amorismo: visualizando a afetividade no espaço escolar através da visão discente. **Revista Acadêmica Licência&acturas**, v. 6, n. 1, p. 95-103, 2018.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARGREAVES, A. Au-delà des renforcements intrinsèques les relations émotionnelles des enseignants avec leurs élèves. **Éducation et Francophonie**, v. 29, n. 1, p. 1-9, 2001. Disponível em: www.acelf.ca/revue/XXIX-1/articles/09-Hargreaves.html. Acesso em: jul. 2018.

MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

PIAGET, J. La relación del afecto com la inteligencia en el desarrollo mental del niño. In: DELAHANTY, G.; PERRÉS, J. (eds.). **Piaget y el psicoanálisis**. Xochimilco: Universidad Autónoma Metropolitana, 1994.

RIBEIRO, M. L. A afetividade no bojo dos currículos de formação de professores. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2008.

RIBEIRO, M. R. A afetividade na relação educativa. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 403-412, 2010.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2006.

ROMERO, E. **As formas da sensibilidade: emoções e sentimentos na vida humana**. 2. ed. São José dos Campos: Della Bídia, 2003.

SABINO, S. **O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa**. São Paulo: Paulinas, 2012. (Educação em foco).

SARNOSKI, E. A. Afetividade no processo Ensino-aprendizagem. **Rei- Revista de educação do IDEAU**, v. 9, n. 20, 2014.

SOUZA, M. P. R. **Repensando o lugar dos afetos na sala de aula: os desafios enfrentados no cotidiano escolar**. São Paulo: FDE, 1997.

VASCONCELOS, M. S. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 616-620, 2004.